

PRISCILA MARA PAIVA DE OLIVEIRA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE UM EXISTENCIALISMO MARXISTA
SEGUNDO JEAN PAUL SARTRE**

BRASÍLIA-DF
2011

PRISCILA MARA PAIVA DE OLIVEIRA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE UM EXISTENCIALISMO MARXISTA
SEGUNDO JEAN PAUL SARTRE**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da
Universidade de Brasília como pré-requisito para
obtenção de título de Bacharel em Filosofia, orientada
pela Professora Priscila Rossinetti Rufinoni.

BRASÍLIA-DF
2011

PRISCILA MARA PAIVA DE OLIVEIRA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE UM EXISTENCIALISMO MARXISTA
SEGUNDO JEAN PAUL SARTRE**

Monografia submetida à comissão examinadora designada pelo curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília como requisito para obtenção de título de Bacharel.

Brasília, de de 2011

BANCA EXAMINADORA

Nome: Dr.Rodrigo de S. Dantas M. Pinto
Instituição: Universidade de Brasília - UnB
Assinatura: _____

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA MODERNA.....	10
3	ANÁLISE DA PROPOSTA ANTROPOLOGICA DENTRO DE FONTES TEXTUAIS DETERMINADAS DE MARX E SARTRE.....	15
	3.1 Considerações gerais sobre a Antropologia Filosófica.....	15
	3.2 Uma antropologia da Filosofia Marxista.....	17
	3.3 Uma Antropologia do Existencialismo de Sartre.....	22
4	A SURPREENDENTE PROPOSTA TELEOLÓGICA PARA O EXISTENCIALISMO.....	26
5	CONCLUSÃO.....	36

INTRODUÇÃO

A ideia do presente trabalho é investigar sobre a possibilidade de se intitular o existencialismo de Sartre como um “Existencialismo Marxista”, de acordo com sua proposta em determinado momento de sua produção intelectual, exemplificada em seu texto *Questão de método*. Para isso, priorizarei a análise da questão antropológica, que é um ponto fundamental de sustentação de sua argumentação para a afirmação de um “Existencialismo Marxista” como também pilar da estrutura de ambas as filosofias e do desenrolar do que se define como Filosofia Moderna.

Esta questão surgiu na época porque Sartre assumiu publicamente uma postura política de esquerda, ao mesmo tempo ele elaborava uma filosofia que apresentava inúmeras contradições em relação à Filosofia Marxista.

Definido como "ativista político, frequentador assíduo de panfletos e barricadas" no livro *É proibido proibir* (ALMEIDA, 1988, p.16), na mesma obra, segundo o autor Fernando José de Almeida, o filósofo é considerado aquele que esteve na linha de frente dos mais importantes acontecimentos políticos da França em sua época, Sartre esteve presente em diversas manifestações populares.

Mas é a partir de 1950 que ele abraça o comunismo e assume uma postura política mais atuante. Dentre as enumeradas pelo autor está: a defesa pública de Sartre da libertação da Argélia do colonialismo francês, que se torna independente somente em 1962, após oito anos de guerra violenta; também a manifestação ocorrida nas ruas da França, quando Sartre, aos 63 anos, juntamente com seus alunos, empilhava paralelepípedos tirados das ruas de Paris para construir as "barricadas do desejo" (espécie de movimento estudantil da época que pretendia revolucionar todos os aspectos da vida do país); Além disso, ainda segundo o autor, Sartre organizou grupos clandestinos dedicados a atividades literárias, jornalísticas e teatrais.

Fundou o grupo "Socialismo e Liberdade", colaborou nas publicações clandestinas *O Combate* e *Cartas Francesas*; e em 1944, sob sua liderança, foi fundada a revista de maior importância das últimas décadas da França: *Tempos Modernos*. (ALMEIDA, 1988, p.16-27).

Para coroar todo este ativismo político de esquerda, não poderia deixar de citar o famoso encontro entre Sartre, Simone de Beauvoir e Che Guevara, documentado na fotografia publicada na revista *Verde Oliva*, em 1960, hoje peça do museu Che Guevara, em La Habana, Cuba.

Embora a relação entre o Existencialismo e o Marxismo seja um tema contemporâneo a Sartre e já bastante abordado, sob vários pontos de vista, devido ao comprometimento político do autor, o objetivo deste trabalho não é histórico no sentido de apenas situar a discussão em relação àquela época. Proponho trazê-la à tona novamente, com o intuito de fazer uma abordagem filosófica sobre o tema sob a ótica antropológica, o delimitando em análise de textos específicos de ambos os autores.

Com a licença dos Marxistas e dos Existencialistas, não há intenção de fazer uma leitura Marxista da obra de Sartre, quanto menos uma leitura Existencialista da obra de Marx. Na medida do possível proponho-me a frequentar alguns ambientes da casa de ambos os autores sem que necessariamente tenha que sair portando seus costumes.

O objetivo é, analisando determinados textos dos dois os autores, fazer um esboço do que seria uma antropologia dentro da filosofia de Marx e do que seria uma antropologia dentro da filosofia de Sartre, a fim de ressaltar pontos de confluência e divergência no que diz respeito às concepções do que é o ser humano, em ambas as filosofias, de acordo com os textos propostos.

Mas por que abordar a questão antropológica? A desconfiança de que a questão antropológica é um dos pilares sobre do qual se ergue essas filosofias vem da defesa de uma ideia ainda mais abrangente, difundida por vários historiadores e filósofos, já presente até

mesmo nas cartilhas escolares, devido consenso a respeito. Tratam-se das condições em que se deram o nascimento da Filosofia Moderna e do Humanismo Filosófico.

Segundo o filósofo, Luck Ferry, em seu livro *Vencer os medos*, por exemplo, a revolução científica ocorrida entre os séculos XI e XVIII simbolizada pelos nomes de Copérnico, Kléper, Galileu, Descartes e Newton, teve um impacto tão grande, que culminou também em numa revolução filosófica.

“... no lugar de um *Kosmos* fechado, harmonioso, eterno e perfeito, justo e belo dos antigos, a Ciência Moderna nos descreve um mundo infinito, caótico, um tecido de forças sem alma, de movimentos e choques cegos, situados num espaço e num tempo radicalmente desprovidos de todo limite, de toda significação e de toda referencia”. (FERRY, 2008, p.48).

Assim, a Ciência Moderna, com as novas descobertas da Física e da Matemática, descobriu um mundo que arruinou a cosmologia grega e, com ela, também muitos aspectos da Filosofia Antiga e Medieval, que nela se baseavam.

Ainda, na mesma obra, com a revolução científica, a Igreja Católica ficou abalada, pois foram colocadas em questão certas afirmações imprudentes das autoridades eclesiásticas sobre a origem do mundo, a idade da Terra ou o movimento dos planetas. Além da rejeição dos argumentos de autoridade da Igreja, pesa também sobre ela o fato de que de que sob a influência de São Tomás, a Igreja recuperara vários elementos de física antiga adaptando-as para o cumprimento de suas próprias exigências. Consequentemente, com a queda da concepção de uma física que era a base da Filosofia Antiga e Medieval, e com a vacilação da autoridade absoluta do princípio divino, haverá um momento de imensa dúvida (FERRY, 2008, p.49-50).

Para ele, a passagem de um mundo fechado dos antigos para um mundo infinito da Ciência Moderna vai atingir a filosofia em cheio inspirando o ceticismo de Pascal, como também, o ceticismo cartesiano, que dá a dúvida sua verdadeira dimensão filosófica e abrangente em seu *Discurso do Método* (FERRY, 2008, p.51). Com o *Discurso do Método*, o

sujeito cartesiano ocupará o lugar que o *Kosmos* ocupava para os gregos. Assim, a Filosofia Moderna, para Ferry, é um Humanismo na medida em que vai refundar todo o edifício do pensamento no ser humano, no sujeito cartesiano. (FERRY, 2008, p.51)

O autor supracitado observa que, nesse novo contexto, o debate que trata da diferença fundamental entre os seres humanos e os animais ficará no centro das reflexões filosóficas. Porém, é o critério revolucionário de diferenciação entre os homens e os animais apresentado por Rousseau “que se tornará realmente fundador para o humanismo moderno”. (FERRY, 2008, p.51-52). Sendo assim, segundo Ferry, a fundação do conhecimento a partir do próprio sujeito cartesiano, além da definição de ser humano atrelada à liberdade de Rousseau, a isto podemos somar a própria atitude libertária de Descartes de tudo negar, são a base de todo o desenrolar da filosofia moderna. Por isso, inseparável tanto da condição humana descrita por Sartre, tanto quanto do “ser genérico” de Marx, a noção do que é o ser humano, que desde Rousseau é inerente à liberdade, será fundamental para o desenvolvimento de todos os aspectos das filosofias posteriores. Portanto, a importância de se analisar a questão antropológica, que desde a queda do *Kosmos* da Grécia Antiga, tornou-se a questão central de toda a Filosofia Moderna.

Há também outro motivo bastante relevante para que se faça uma análise antropológica de ambas as filosofias com o objetivo de investigar a possibilidade de o Existencialismo ser uma filosofia Marxista. Isso porque, tanto no ensaio *Discurso Sobre o Método* (SARTRE, 1960) quanto na *Conferencia de Araraquara* (SARTRE, 1986), o autor aborda justamente a questão antropológica para defender a ideia de que o Existencialismo é Marxista. Para tanto, ele reduz o Existencialismo a apenas uma ideologia de apoio à Filosofia Marxista.

As respostas de Sartre vão muito além da questão levantada a respeito de sua postura política. No momento a questão fora levantada por causa do seu ativismo de esquerda, mas ele

faz mais do que apenas justificar como é possível ser existencialista e marxista.

Sartre defende, em *Questão de método* e na *Conferência de Araraquara* (conferência realizada no Brasil em 1960, e que foi documentada, sendo uma espécie de resumo das ideias contidas na questão de método) que o próprio Existencialismo é Marxista na medida em que está compreendido dentro de algo maior que é a Filosofia Marxista. A abordagem filosófica das respostas de Sartre assinala que esta questão está além de uma questão histórica e política. O Existencialismo seria uma “ideologia” na medida em que teria se desenvolvido devido à carência de fundamentos para uma **Antropologia** dentro ainda da Filosofia Marxista.

Neste caso, a importância desse trabalho está em investigar se não existe uma exposição antropológica dentro da Filosofia Marxista, de modo que justifique a postura do Existencialismo como ideologia fundadora das bases de uma nova antropologia coerente com o plano de fundo marxista, como propõe Sartre em seu texto *Questão de método*.

Para tanto, considerando os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Karl Marx como contendo os núcleos fundamentais de sua filosofia, o utilizarei como ponto de apoio para pesquisar a possibilidade de uma antropologia filosófica dentro da filosofia marxista.

Portanto, frisando a questão antropológica tanto na Filosofia Marxista quanto no Existencialismo em diferentes fases, em textos determinados, o objetivo do presente trabalho é o de ponderar sobre a possibilidade de um "Existencialismo Marxista" no sentido defendido por Sartre, em seu texto *Questão de método* (SARTRE, 1960) e na *Conferência de Araraquara* (SARTRE, 1986), ou seja, como uma ideologia fundamental de apoio à Filosofia Marxista.

2 ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA MODERNA

De acordo com o filósofo francês Luc Ferry, em seu livro *Vencer os Medos*, Rousseau irá fundar a concepção moderna de ser humano ao propor uma definição de ser humano diferente da definição de Aristóteles, que o define como sendo "um animal racional".

Em seu livro *Vencer os Medos*, Ferry cita uma passagem do *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens* em que Rousseau diz que o ser humano se difere do animal pela sua capacidade ir além de todas as prescrições da natureza, enquanto o animal não pode se afastar da regra que lhe foi prescrita. Ou seja, o animal não é livre, pois, está preso aos seus instintos, já os seres humanos podem se afastar da natureza. "Nisto está sua liberdade, na capacidade de fugir de todos os códigos, de todas as categorias que funcionam como uma prisão". (FERRY, 2008, p.54)

Consultando diretamente a fonte, verifica-se que Ferry tem razão. Rousseau defende que não é o entendimento que difere os seres humanos dos animais, mas a capacidade que o ser humano tem de concordar ou de resistir aos mandamentos da natureza. "Todo animal tem ideias, visto que têm sentidos; chega mesmo a combinar suas ideias até certo ponto e o homem, a esse respeito, só se diferencia da besta pela intensidade." (ROUSSEAU, 2005, p.64).

Ainda no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens*, Contrariando a concepção de Aristóteles, que diferencia o ser humano dos animais pela sua racionalidade, Rousseau acredita que a formação das ideias está presente tanto nos homens como nos animais. Ela é apenas um fenômeno mecânico relacionado aos sentidos e que pode ser explicado pela física. Sendo assim, o que diferencia os seres humanos e os animais não é o entendimento, mas a sua qualidade de agente livre, ou seja, a liberdade para

concordar ou resistir aos ditames da natureza. (2005, p.64).

Ferry somente esqueceu-se de sublinhar um ponto importante que, no texto, Rousseau se exime de explicar detalhadamente, admitindo no parágrafo seguinte as dificuldades que cercam todas estas questões. Rousseau ressalta a importante relação entre a espiritualidade e a liberdade. O âmbito espiritual seria justamente aquele imune, livre das leis naturais. A espiritualidade da alma humana é ressaltada pela consciência que temos da liberdade. No poder de escolher e no sentimento desse poder "só se encontram atos puramente espirituais que de modo algum serão explicados pelas leis da mecânica." (2005, p.64). Ou seja, Rousseau não diz apenas que os atos espirituais não são explicados pelas leis da mecânica, mas que eles de forma alguma serão. O espaço da liberdade é um espaço incorpóreo, é um espaço intocável, que se evidencia na consciência da liberdade.

Ainda segundo Rousseau, e na mesma obra já citada, há outra qualidade importante que também nos distingue dos animais. Ele a chama de Perfectibilidade, e ela é a faculdade que capacita os seres-humanos de aperfeiçoarem-se:

"Faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares." (2005, p.65).

Porém, bem diferente de exaltar e louvar essa faculdade humana, Rousseau a acusa de ter-nos tirado de nossa condição original que nos rendia dias tranquilos e inocentes. "O homem selvagem, privado e toda espécie de luzes tem como únicos bens que conhece no universo, a alimentação, uma fêmea e repouso." (2005. p.65-66), (vê-se que aqui que Rousseau elege o sexo masculino como referência para todo o gênero humano). O ser humano em seu estado selvagem não conhece a morte, o temor da morte e seus terrores, segundo Rousseau, é uma aquisição feita pelo ser humano ao distanciar-se de sua condição animal (2005, p.65-66).

A "perfectibilidade", ou seja, a capacidade de aperfeiçoar-se, com a ajuda das

circunstâncias, e aperfeiçoar todas as outras faculdades humanas, é que será responsável pela criação das habitações, pela origem das línguas falada e de sinais, pelo desenvolvimento da agricultura, das ciências, e conseqüentemente, do desenvolvimento de uma multidão de paixões, juntamente com o desenvolvimento da vida em sociedade. Assim, a "perfectibilidade" engloba toda a criação e produtividade humana, tanto material quanto cognitiva.

Ferry acredita que a nova concepção de ser humano de Rousseau é responsável pelo surgimento do **Humanismo Filosófico** que dará base para toda a Filosofia Moderna.

Porém vale a pena ressaltar que, embora Ferry tenha apresentado a definição de ser humano de Rousseau como a pioneira e fundadora do humanismo moderno, o próprio Sartre, fazendo uma análise do *Discurso do Método*, em seu texto *A Liberdade Cartesiana* mostra-nos, com bastante genialidade, que a contribuição de Descartes à filosofia vai além da fundação do conhecimento no sujeito.

Na medida em que traz a negação de todas as verdades, o *Discurso do Método* é o próprio exercício da liberdade de pensamento. Ou seja, Descartes realizou na prática parte aquilo que Rousseau definiu primeiramente como principal diferença entre os homens e os animais.

Descartes ao propor a negação da veracidade da existência do mundo material apresentado aos nossos sentidos, em seu *Discurso do Método*, está movendo-se no espaço, definido por Rousseau como "espiritual", que seria em que estamos livres da coerção e da influência das leis da natureza.

Assim, segundo o próprio Sartre, na *Liberdade Cartesiana*, o *Discurso do Método* de Descartes é uma experiência de liberdade. Porém não se trata da experiência da liberdade criadora, mas antes, da experiência do pensamento autônomo (2006, p.285).

Para Sartre encontramos em Descartes "sob a aparência de uma doutrina unitária, duas

teorias da liberdade muito diferentes, conforme ele considere esse seu poder de compreender e de julgar ou conforme ele queira simplesmente salvar a autonomia do homem em face do sistema rigoroso de ideias” (2006. p.287).

Segundo Sartre, Descartes defenderá que a irresistível adesão à evidência também é uma liberdade. Isso, porque, segundo Sartre, essa adesão não está sob o império de nenhum constrangimento externo a nós, o que significa que não é provocada por um movimento do corpo ou por um impulso psicológico. Sartre argumenta os juízos “2 e 2 são 4” ou “penso logo existo” são juízos desse tipo, dentro da doutrina Cartesiana. (2006. p.289-291)

Assim, para Descartes, segundo Sartre, não sendo o ser humano capaz de criar nada (somente Deus é criador), sua liberdade consiste em empenhar-se em descobrir todas as relações já fixadas por Deus. Ele apenas trilha o caminho inevitável que é apontado pela sua razão, iluminada por Deus. Dessa forma, segundo Sartre, Descartes tenta salvar a autonomia do ser humano em face de sistemas rigorosos de ideias, como por exemplo, teoremas da matemática (2006. p.289-291). Nesse sentido a liberdade tem um sentido de uma adesão positiva.

Já referente ao poder de compreender e de julgar, segundo Sartre, a liberdade terá um sentido negativo. Sartre comenta que Descartes irá exercer sua liberdade na recusa, na suspensão do juízo “Uma vez que a ordem das verdades existe fora de mim, a autonomia não é a invenção criadora, é a recusa.” (2006. p. 294). A dúvida cartesiana, nesse sentido, é uma recusa do mundo perceptível aos sentidos, ainda que temporária.

Sendo assim, a filosofia de Rousseau e a filosofia Cartesiana vão inaugurar a introdução do conceito de liberdade em dois sentidos. O sentido da perfectibilidade de Rousseau, que é a capacidade humana de aperfeiçoar-se, e com a ajuda das circunstâncias, e aperfeiçoar todas as outras faculdades humana, que apesar de anterior ao conceito de dialética, está mais próxima ao tipo de liberdade que será desenvolvida pela filosofia Marxista, devido seu aspec-

to histórico. E o sentido da liberdade inaugurada na dúvida universal de Descartes, no seu sentido negativo, como expôs Sartre. Esse poder humano é exemplificado na atitude cartesiana de negar toda a realidade das coisas mundanas, com o surgimento de um eu que é puro pensamento e que é indissociável do ato de pensar e de existir. Sartre irá se inspirar nesse aspecto da liberdade, como ele mesmo admite em seu texto *O Existencialismo é um Humanismo* (Sartre, 1978), que considera como ponto de partida a filosofia cartesiana e o ateísmo para o desenvolvimento do Existencialismo.

3 ANÁLISE DE UMA PROPOSTA ANTROPOLÓGICA DENTRO DE FONTES TEXTUAIS DETERMINADAS DE MARX E SARTRE.

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA.

Considerando a Antropologia, em sentido abrangente, ou seja, como exposição sistemática de conhecimentos a respeito do ser humano, e assim, apresentando-se como o fio condutor de toda a filosofia moderna ocidental, segundo Lucy Ferry, em seu livro *Vencer os Medos*, farei uma análise de uma possível antropologia dentro de textos filosóficos específicos de Marx e Sartre.

Assim não tratarei da Antropologia como disciplina específica e relativamente autônoma. Tanto menos da Antropologia Física, como definida no *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano “... que considera o homem do ponto de vista biológico, em sua estrutura somática, em suas relações com o ambiente, em suas classificações raciais etc.” (2007, p.74). Segundo Nicola Abbagnano, os filósofos ressaltam muitas vezes a importância da Antropologia como ciência filosófica, ou seja, como determinação daquilo que o homem deve ser em face do que é.

Mas a vislumbrarei sob a ótica de Luck Ferry, em seu livro *Vencer os Medos*, ou seja, a Antropologia como fio condutor de todo o Humanismo filosófico, ou Filosofia Moderna. Ou seja, de modo que ela caracteriza-se por ser a representação das teorias filosóficas fundadas a partir do ser humano e de noções de natureza humana ou condição humana.

Especificamente, na filosofia moderna, essa antropologia caracteriza-se por ter como germe a visão do ser humano com um ser inacabado, e assim por fazer-se, e

consequentemente, possuidor de liberdade.

Então, dentro desse contexto que considera a liberdade, a dúvida universal de Descartes, a teoria de Rousseau (Segundo Ferry, como já dito anteriormente, inauguradora do humanismo filosófico), seguida pelas teorias desenvolvidas pelos demais filósofos da Modernidade com Kant, Marx, Engels, Sartre e outros, embora apresentem diferenças significativas e fundamentais quanto à forma, abordam a questão antropológica.

Dentro desse quadro, e utilizando para isso os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, que contém os núcleos fundamentais da sua filosofia, e considerando que o fio condutor de toda Filosofia Moderna está justamente na questão antropológica, desenvolverei as principais ideias contidas nestes textos filosóficos de Marx, sintetizando o que seria o esboço de uma antropologia marxista.

Também a partir dessas ideias, e porque é preciso de uma linha que impeça a perdição em caminhos tão antagonicamente entrelaçados, analisarei *O existencialismo é um humanismo*, *A conferencia de Araraquara* e *Questão de método*, em que Sartre expõe ideias a respeito da condição humana.

3.2 UMA ANTROPOLOGIA DA FILOSOFIA MARXISTA

Lendo os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, observamos que se trata além do que poderia ser classificado somente como teoria da Economia. Marx desenvolve também conceitos referentes à natureza humana, que posteriormente será o plano de fundo do desenvolvimento da teoria marxista.

A fim de fazer uma análise da condição contemporânea do ser humano enquanto alienado de sua humanidade, enquanto trabalhador, o filósofo parte de uma formulação a respeito do caráter das espécies, para depois definir a singularidade da espécie humana.

Com suas próprias palavras, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, “no tipo de atividade vital está todo caráter de uma espécie, o seu caráter genérico; e a atividade livre, consciente, constitui o caráter genérico do homem.” (MARX, 2010, p.84). Assim, o autor acredita que a qualidade da atividade de qualquer ser, inclusive o ser humano, é determinante para a classificação das espécies.

Na mesma obra, a principal diferença entre os seres-humanos e os animais, para este filósofo, está no fato de que os animais produzem apenas o que é estritamente necessário para si ou para os seus filhotes, somente sob a dominação da necessidade física e imediata, e segundo o padrão de sua espécie. **Já os ser humano produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade.** O ser humano também sabe produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objeto. **Assim, atividade vital lúcida, consciente, autônoma e livre da necessidade, é que diferencia o ser humano da atividade vital dos animais.** (MARX, 2010, P.85).

Sendo assim, exceto que Marx, na mesma obra, se nega a fazer um retorno a um

estado original humano, região que ele considera como "nebulosa" e "cinzenta", (2010, p.80), há uma similaridade entre as teorias apresentadas por Rousseau e por Marx em relação à diferença existente entre os homens e os animais.

No caso de Rousseau, ao introduzir o conceito de *perfectibilidade*, em seu livro *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, que é a faculdade humana que, com a ajuda das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras capacidades e se encontra, entre nós, tanto nas espécies quanto nos indivíduos (2005, p.65), ele traz o aspecto histórico para a definição de ser humano, o que aproxima essas duas filosofias, embora seja a primeira anterior ao conceito de dialética.

Para Marx, a relação entre o ser humano e o restante da natureza é uma relação de constante troca e intercâmbio, de forma que eles se misturam e fica difícil diferenciá-los. Ele numa das mais belas passagens dos *Manuscritos econômico-filosóficos* nos esclarece que "A natureza é o corpo inorgânico do homem, ou seja, a natureza em medida que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer".(MARX, 2004, p.84). Sendo o homem uma parte da natureza (e não a natureza uma parte dele) a interdependência entre a vida física e espiritual do ser humano e a natureza, significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma. (Marx, 2004, p.84).

Para Marx há uma essência humana da natureza, e ela é o homem social. O homem social é onde a natureza existe para ele como condição de elo com o homem:

"na condição de existência sua para o outro e do outro para ele; é primeiro aqui que ela existe como fundamento da sua própria existência humana, assim como também na condição de elemento vital da efetividade humana. É primeiro aqui que a sua existência natural se lhe tornou a sua existência humana e a natureza se tornou para ele o homem. é a unidade essencial completada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito." (MARX, 2004, p.106)

Para o autor o indivíduo é o ser social, assim é preciso evitar a fixação da sociedade

como uma abstração frente ao indivíduo. A manifestação de vida do indivíduo, embora não pareça imediatamente comunitária é uma externalização da vida social. "A vida individual e a vida genérica do homem não são diversas, por mais que também - e isso necessariamente- o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais universal da vida genérica,..." (MARX, 2004, p.107). Assim, por mais que o homem seja um indivíduo particular, ele é a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na efetividade. "Pensar e ser são, portanto, certamente diferentes, mas estão ao mesmo tempo em unidade mútua". (MARX, 2004, p.108). Embora a morte possa aparecer com uma vitória do gênero sobre o indivíduo determinado, contradizendo sua unidade, o indivíduo determinado é apenas o ser genérico determinado, e assim, mortal.

O homem se apropria da sua essência como um homem total. Cada uma das relações humanas com o mundo como ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, ou seja, todos os órgãos da sua individualidade são a apropriação da afetividade humana. Assim a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo, de forma que os sentidos do homem social são outros que o do homem não social (Marx, 2004, p.108). "E a própria história é uma parte efetiva da história natural, do devir da natureza até ao homem". (MARX, 2004, p.112). Enquanto houver a carência do homem enquanto homem, a história é a da preparação, a história do desenvolvimento.

É na sua vida ativa, é modificando a natureza, é fazendo com que ela nasça como sua obra e a sua realidade, ao não se reproduzir somente intelectualmente, mas ativamente, que ele se duplica e percebe a própria imagem no mundo por ele criado. A natureza não é somente o meio de vida humano, mas objeto material e instrumento de sua atividade vital. (MARX, 2004, p.85).

Desse modo, modificando a natureza, transformando-a, modelando-a, o ser humano produz socialmente, o objeto criado pelo homem e para o homem, e também modifica a si

mesmo. É agindo na natureza, alterando as formas, os sons, combinando as cores, que o ser humano transforma seus sentidos físicos em sentidos humanos. “O sentido musical do homem só é acordado pela música” (MARX, 2004, p.110).

Assim, para o autor, o ser humano produz a si mesmo, os sentidos do homem social são diferentes dos sentidos do homem não social e para isso devem ser levados em consideração não somente os cinco sentidos “... mas também os sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor, etc.), ou melhor, a sensibilidade humana e o caráter humano dos sentidos, que vem à existência mediante a existência do seu objeto, por meio da característica humanizada” (MARX, 2004, p.110).

Segundo os *Manuscritos econômico-filosóficos*, a questão da objetivação do ser humano não se trata de um problema filosófico teórico. O rebaixamento do ser humano apenas como mercadoria, como força de trabalho, só pode ser superada na prática, superando o modo como que se dá seu intercâmbio com a natureza:

"Vê-se como subjetivismo e objetivismo, espiritualismo e materialismo, atividade e sofrimento perdem sua oposição apenas quando no estado social e, por causa disso, a sua existência enquanto tais oposições; vê-se como a própria resolução das oposições teóricas só é possível de um modo prático, só pela energia prática do homem e, por isso, a sua resolução de maneira alguma é apenas tarefa do conhecimento, mas uma efetiva tarefa vital que a filosofia não pôde resolver, precisamente porque a tomou apenas como tarefa teórica." (MARX, p.111)

Para Marx, o que impede que o ser humano se aproprie de si mesmo, o que oprime o ser humano não é a natureza representada nas necessidades do corpo, o trabalho a fim de suprir essas necessidades. Embora não seja àquele que caracteriza a espécie, o trabalho a fim de suprir as necessidades básicas humanas faz parte da atividade humana como condição de possibilidade para tornar o homem apto para o trabalho além dessas necessidades.

O incremento na culinária, nas vestimentas humanas, desenvolvidos socialmente, mesmo nas sociedades menos desenvolvidas, mostra que o próprio ato de se alimentar e de se vestir, envolve um trabalho, que o ser humano leva além do estritamente necessário para

suprir as necessidades de alimento e vestimentas.

O que oprime o ser humano é a própria forma em que se organizou a produção, em que, independente do tempo e da quantidade de trabalho realizado pelo ser humano, ele seja apenas capaz de suprir as necessidades básicas de sobrevivência. Dessa forma, o trabalho passa a ser uma atividade que em todos os seus momentos não consegue ultrapassar a supressão das carências humanas, e se torna assim atividade opressora, necessária apenas para manutenção da sobrevivência.

Assim, essa forma de atividade, Marx a define como trabalho alienado, que é aquele que aliena o ser humano de sua humanidade. Aquele que aliena o ser humano do seu intercâmbio consciente e voluntário com o restante da natureza, após suprir as necessidades básicas do corpo.

Assim, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* podemos perceber que há uma antropologia desenvolvida por Marx que dará base a sua definição do proletário como homem carente de humanidade. Esse homem deve lutar para apropriar-se de sua humanidade. O ser humano é um ser genérico, cujo caráter da sua espécie é produzir além das suas necessidades, numa atividade livre e consciente. O fato de o ser humano encontrar-se num estado de subhumanidade dá-se pela forma em que se limitou a atividade humana em trabalho alienado. Ou seja, trabalho em que o trabalhador é apartado dos meios de produção e do resultado da produção afim do o obter somente o necessário para suprir as suas necessidades básicas de sobrevivência. Marx propõe que a superação desse estado só é possível como uma tarefa também prática, como por exemplo, a revolução do proletariado.

3.3 UMA ANTROPOLOGIA DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE:

Tendo como tema a Antropologia, e como não há como abordar todos os textos dos dois autores de forma profunda em pouco tempo, resolvi escolher aqueles que, em cada autor, se referem e se aproximam mais do tema proposto demandando num trabalho condizente com a estatura da graduação. Por conseguinte escolhi *O existencialismo é um humanismo*, para lançar um olhar sobre a proposta antropológica do Existencialismo da primeira fase, pois a análise do *O Ser e o Nada* demandaria tempo indisponível.

Embora Sartre não admita a existência de uma natureza humana, considero aqui o Existencialismo de Sartre uma proposta antropológica no sentido amplo do termo. Assim como a maioria dos textos filosóficos após a modernidade, o Existencialismo é uma antropologia porque é quase, ou senão, o tempo todo, um tratado sobre o ser humano, uma análise da condição humana. Segundo Sartre, é a mais coerente, pois é a única que revela os verdadeiros desdobramentos da filosofia após o ateísmo. "O existencialismo nada mais é do que um esforço para tirar todas as consequências de uma postura ateia coerente." (SARTRE, 1978. p.22).

Sartre argumenta que com o ateísmo dos filósofos do século XVIII é impossível sustentar a noção de uma natureza humana, de um homem universal, no qual a essência humana preceda a existência humana. A existência de uma essência de cada coisa, segundo ele, é uma ideia derivada da existência de um Deus criador de tudo, ou seja, de um artífice: um Deus que "... produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica." (SARTRE,1978, p.6). Para Sartre, levando realmente em conta o fato de Deus não existir, é impossível considerar a ideia de uma natureza humana.

Assim, para os existencialistas, por não ter uma essência, o homem "de início, não é

nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo" (SARTRE, 1978, p.6). Ele argumenta que isso não diminui a dignidade do homem, apenas a considera maior que a da pedra e a da mesa. "De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivante ao invés do musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser." (SARTRE, 1978, p.6).

Segundo o filósofo esse primeiro passo do existencialismo gera uma moral, pois traz ao ser humano a responsabilidade total pela sua existência, pelos seus atos, pelo que ele é. E essa moral é ainda mais rígida a partir da consideração existencialista de que "escolher ser isso ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem ser para todos." (SARTRE, 1978, p.6).

Sendo assim, cada homem é responsável por todos os homens, cada ato humano engaja a humanidade inteira. E é daí, desse sentimento de responsabilidade que gera a angústia, declarada pelo existencialismo. Já o desamparo e o desespero é resultado da consideração da não existência de Deus como um fato, que deve ser levado até às últimas consequências, independente dos danos que isso possa causar.

Assim Sartre inaugura uma nova moral que descarta a possibilidade de valores que possam ser considerados *a priori* como os enunciados por Kant. Para Sartre o ser humano é condenado à liberdade porque ele está solto, não tem por onde se agarrar. Não há razão prática (a moral desenvolvida por Kant é vaga demais para que seja aplicada aos casos concretos), não há uma razão *a priori* que guie as ações humanas. Pois se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma estrutura universal inerente ao ser humano.

No texto *O existencialismo é um humanismo*, a teoria existencialista exposta por Sartre

põe por terra qualquer possibilidade da psicologia ou da psicanálise ao negar a importância da influência das estruturas mentais e/ou biológicas defendidas por essas ciências, nas decisões humanas. Um exemplo disso é a seguinte passagem: "não é assim por ter um coração, um pulmão ou um cérebro covardes; ele não é assim devido a qualquer organização fisiológica; mas é assim porque se construiu covarde mediante seus atos." (SARTRE, 1978, p.14). Além disso, fora do *Cogito* cartesiano todos os objetos são apenas prováveis. (SARTRE, 1978, p.15)

Sartre, nessa primeira fase do existencialismo, admite partir do *Cogito* cartesiano, considerado que tudo que esteja fora do momento em que o ser humano apreende a si mesmo, é uma teoria que suprime a si mesma. "Fora do *Cogito* cartesiano todos os objetos são apenas prováveis..." (SARTRE, 1978, p.15). Qualquer verdade deve primeiramente basear-se no *Cogito* cartesiano, que Sartre considera como "verdade absoluta" (1978, p.15).

Porém nessa retomada do *Cogito* cartesiano Sartre inclui todos os outros homens. Para ele o homem que se alcança pelo *Cogito*, alcança todos os outros simultaneamente, pois se dá conta que só pode ser alguma coisa se os outros o reconhecem como tal.

Embora não haja uma natureza humana, existe uma "universalidade humana de condição" (SARTRE, 1978, p.15). A condição humana, para ele, são os limites de sua situação fundamental no universo. Seja quem for, nasça onde for, o homem necessariamente deve estar no mundo, trabalhar, conviver com os outros e ser mortal. Essa é sua condição universal.

Sartre argumenta que o *Cogito* cartesiano é a única doutrina que dá dignidade ao ser humano, pois todo o materialismo trata todos os homens como objetos, não os diferenciando de mesas, cadeira, ou pedras. Porém ele estende o existencialismo até uma intersubjetividade, não pretendendo o homem apenas em si mesmo. "O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer a favor ou contra mim"

(1978, p.16).

Sendo assim, o existencialismo, expressado nessa primeira fase de Sartre, no texto, "*O Existencialismo é um Humanismo*" embora repudie a ideia de uma natureza humana, num sentido de um tratado sobre o ser humano, é uma antropologia filosófica. O homem é uma escolha a ser feita, é antes de tudo, sua existência no momento presente e está fora de um determinismo natural e histórico. Para Sartre, segundo o texto pertencente a esta fase do existencialismo, nem a história, nem a ciência contém a verdade.

4 A SURPREENDENTE PROPOSTA TELEOLÓGICA PARA O EXISTENCIALISMO.

Questão de método é um texto complexo e surpreendente. Para quem acha que o existencialismo para nada serve além de deixar os jovens estudantes de filosofia cabisbaixos e desesperados com a explicitação das feridas profundas causadas pelo ateísmo e pela queda do racionalismo, enganou-se. Sartre nos surpreende dando ao existencialismo uma função, não sem antes deixar de alertar aos sobreviventes que ele não se trata de uma filosofia, mas de uma ideologia, em um sentido bastante peculiar e restrito. Isso porque, com as próprias palavras tiradas do texto *Questão de método*, ele assim se refere à Filosofia “não encontreis nunca, em um determinado momento dado, mais do que uma que seja viva” (SARTRE, 1978, p.113) e, para ele, a filosofia marxista é hoje a insuperável filosofia do nosso tempo.

Para Sartre, as filosofias são expressões de momentos históricos, e são insuperáveis enquanto esses momentos históricos forem insuperáveis. Enquanto o momento histórico presente, que é expresso pela Filosofia Marxista não for superado, a Filosofia Marxista é insuperável e todos os argumentos anti-marxista são apenas um rejuvenescimento de um argumento pré-marxista.

O existencialismo, segundo Sartre, é uma ideologia: “é um sistema parasitário que vive à margem do Saber, a que de início se opôs e a que, hoje, tenta integrar-se”. Sartre não se considera um filósofo, nem ao existencialismo filosofia. Ele é um ideólogo e o existencialismo é uma ideologia:

“os homens de cultura que surgem depois das grandes culminações e que empreendem ordenar os sistemas ou conquistar, com métodos novos, terras ainda mal conhecidas, àqueles que dão à teoria funções práticas e dela servem como de um instrumento para destruir e para construir, não é conveniente chamá-los de filósofos...” (SARTRE, 1978, p.115)

Sartre contesta a resposta de Lukács a respeito do Existencialismo como sendo o “terceiro caminho”, entre o Materialismo e o Idealismo, que seguiram os intelectuais

burgueses quando foram constrangidos a abandonar o método idealista (SARTRE, 1978,p.120). Ele defende que, embora o materialismo histórico fornecesse a única interpretação válida da história, o aparecimento do existencialismo foi uma resposta ao fato de que o marxismo havia parado estacionado, e o existencialismo permanecia a única abordagem concreta da realidade. (SARTRE, 1978, p.120).

Sartre argumenta que esse estacionamento do marxismo se deu quando na construção do Socialismo Soviético, operou-se nela tal cisão que jogou a teoria socialista de um lado e a prática de outro. Assim, "durante anos o intelectual marxista acreditou que servia a seu partido, violando a experiência, negligenciando os dados e conceptualizando os acontecimento antes de estudá-lo (SARTRE, 1978, p.121).

Ele acusa os marxistas contemporâneos de abordarem o processo histórico com esquemas universalizastes e totalizantes. Marxismo este que se diferencia do marxismo vivo, heurístico do próprio Marx em *O 18 Brumario*. (SARTRE, 1978, p.122). "Os conceitos abertos do marxismo se fecharam; não mais são chaves, esquemas interpretativos: ele se põe para si mesmo como saber já totalizado." (SARTRE, 1978, p.123).

Embora acredite que o marxismo seja hoje o único sistema que permite situar um o pensamento em qualquer domínio que seja, embora seja insuperável porque as circunstancias que o engendraram ainda não foram superadas, ele perdera o princípio heurístico de procurar o todo através das partes para tornar-se uma prática terrorista de liquidar a particularidade. O que Sartre quer nos provar é que a análise contemporânea marxista da história não leva em conta as peculiaridades e particularidades que envolvem todos os acontecimentos. (SARTRE, 1978, p.123)

Assim, o existencialismo pode renascer porque, segundo Sartre, no texto *Questão de método*, o saber não está dando conta da experiência social e histórica.

"Os conceitos burgueses quase não se renovam e se desgastam depressa; os que permanecem carecem de fundamento: as aquisições reais da sociologia americana não

podem mascarar sua incerteza teórica; após uma arrancada espetacular, a psicanálise cristalizou-se. Os conhecimentos do pormenor são numerosos, mas falta base. Quanto ao marxismo, tem fundamentos teóricos, abarca toda a atividade humana, mas não sabe mais nada; seu objetivo não é mais o de adquirir conhecimentos, mas o de constituir-se *a priori* em saber absoluto." (SARTRE, p.123).

Porém, Sartre deixa bem claro que sua crítica é dirigida aos intelectuais e marxistas contemporâneos e não ao próprio Marx. Ele alega que o existencialismo adere sem reservas à forma pela qual Marx tenta definir seu "materialismo" no *Capital*, em que o autor diz que o modo de produção da vida material domina em geral o desenvolvimento da vida social, e que o filósofo tentava engendrar dialeticamente seu saber sobre o ser humano elevando-se progressivamente das determinações mais amplas às determinações mais precisas.

Em *Questão e método*, Sartre faz um apelo à falta de importância que a análise histórica marxista contemporânea dá a história do indivíduo no seio de sua família, desde sua infância até à idade adulta. Ele diz que ao desprezar a psicanálise ou a "história do indivíduo" (1978, p.142) a História nos trata como se fossemos sempre adultos e mão de obra produtiva. Porém ela não deve esquecer que o ponto de inserção do homem na sua classe é justamente a família, ela é a mediação entre o universal e o indivíduo. Assim, mesmo a Psicanálise não se opondo ao materialismo dialético, o marxismo tornado saber universal torceu seu pescoço. Desse modo a função do existencialismo é com a ajuda da Psicanálise, estudar as situações onde o homem se perdeu si mesmo desde a infância, pois não há outra numa sociedade fundada na exploração. (1978, p.140). O autor propõe através do existencialismo uma abertura no materialismo histórico para as investigações da Psicanálise. Ele nos afirma, na verdade, que existe uma interdisciplinaridade, e que os conhecimentos ao invés de isolados, devem ser cruzados em suas diversas linhas.

Sartre nos alerta que não existe apenas o operário e a fábrica. O operário nasceu, tem uma família, mora num determinado grupo de habitação, vila ou região, onde ele conhece mais ou menos a sua condição, assim como outros homens e mulheres. Desse modo, a Sociologia, ciência que estuda estes grupos sociais, não deve simplesmente ser rejeitada como

uma arma nas mãos dos capitalistas, mas sim deve ser tomada das suas mãos e voltada contra eles. (SARTRE, 1978, p.144).

Mesmo reconhecendo a importância da Sociologia como ciência que estuda os grupos de habitação dos seres humanos, ele se dispõe contra a sociologia moderna, como por exemplo, a sociologia de Lewin. Sartre critica o fato de o sociólogo não ser situado, e se o faz, é apenas como uma integração provisória na qual ganha a confiança da comunidade imitando ações coletivas em proveito de um interesse superior.

Ainda que, para Sartre, a Sociologia e seu objeto formem um par em que cada um deve ser interpretado pelo outro e em que a realização deve ser por sua vez decifrada como um momento da História há uma independência relativa da Sociologia. Ela contribui nos conduzindo a certo nível de concreto que o marxismo contemporâneo negligencia. Dirigindo-se para certo gênero de fatos como "a escassez de mulheres em dada região", ou o "individualismo dos esquimós", ela obriga o marxismo ser um método heurístico. (SARTRE, 1978, p.144). Com suas próprias palavras "a Sociologia, momento provisório da totalização histórica, revela mediações novas entre homens concretos e as condições materiais de sua vida, entre as relações humanas e as relações de produção, entre as pessoas e as classes" (SARTRE, p.144).

Para Sartre as particularidades são vistas pelos marxistas como casualidades, mas na verdade elas são "uma maneira de realizar e de viver o universal em sua materialidade" (SARTRE, 1978, p.146). Ele censura o marxismo contemporâneo por expulsar para a esfera do acaso todas as determinações concretas da vida humana e nada conservar da totalização histórica senão sua essência abstrata de universalidade. O resultado disso é que o marxismo, segundo Sartre, **perdeu totalmente o sentido do que é o homem.**

Considerando que falta ao Marxismo uma Antropologia concreta, para reconquistar o homem dentro do Marxismo, Sartre propõe uma integração entre o Marxismo e certas

disciplinas como a Psicanálise e a Sociologia, evitando assim, a procura de uma terceira via, de um humanismo idealista, uma vez que "o materialismo dialético reduz-se ao seu próprio esqueleto" (SARTRE, 1978, p.148).

Sartre define como "**Marxismo Idealista**" aquele que teria como definição de ser humano como um produto passivo, uma soma de reflexos condicionados caudados pelas condições econômicas. Mas Sartre acredita que Marx pensava, além disso. O Marxismo em toda sua complexidade seria mais que isso, seria considerar que os homens fazem sua história sobre a base de condições reais anteriores, mas são eles que fazem a história e não as condições anteriores que a fazem. Embora haja proletariados, pois há grupos de produção que se desenvolvem diferentemente, suas separações aparecem situadas no interior de unificações mais profundas (SARTRE, 1978, p.151). Dessa forma, para Sartre de nada adianta o marxismo contemporâneo negar a pluralidade do proletariado. A tarefa histórica no seio do mundo é a de aproximar o momento em que a História só trará um único sentido e em que ela tenderá a se dissolver nos **homens concretos que a farão em comum**.

Sartre, nessa nova fase, acredita que o ser humano caracteriza-se, sobretudo pela capacidade de superação de uma situação. Ele dá um exemplo de observações da Sociologia, que relata determinado caso em que a falta de mulheres marquesinas vai levar a poliandria como constituição matrimonial como esforço para superar o problema daquele local. Assim Sartre define como *projeto*, a conduta, mesmo a mais rudimentar, que deve ser determinada ao mesmo tempo em relação aos fatores reais e presentes que a condicionam e em relação a certo projeto a vir **que ela tenta fazer nascer**. O campo dos possíveis é o objetivo em direção ao qual o agente supera sua situação objetiva:

"O homem define-se negativamente pelo conjunto dos possíveis que lhe são impossíveis, isto é, por um futuro mais ou menos obturado. Esse é um problema da pauperização negativa, por exemplo, numa sociedade onde tudo se compra, as possibilidades de cultura são praticamente eliminadas para os trabalhadores, quando a alimentação absorve cinquenta por cento ou mais de seu orçamento. A liberdade dos burgueses, ao contrário, reside na possibilidade de consagrar uma parte sempre crescente de sua renda aos mais variados campos de despesas. (SARTRE, 1978, p.152).

A importância das ações individuais em Sartre vem do fato de que "o impossível mais individual não é senão a interiorização e o enriquecimento de um possível social" (SARTRE, 1978, p.153).

Sartre reivindica a devolução ao homem singular de seu poder de superação pelo seu trabalho e pela sua ação em vez de se reduzir tudo à identidade, o que leva a substituir o materialismo dialético pelo materialismo mecanicista, e faz aparecer as gigantescas planificações socialistas, ou então fazer da dialética uma força metafísica, ou uma lei celeste que engendra por si mesmo o processo histórico, o que seria recair no idealismo hegeliano.

"Ora, sentir é já superar, em direção à possibilidade de uma transformação objetiva; na prova do vivido, a subjetividade volta-se contra si mesma e arranca-se ao desespero pela objetivação. Assim o objetivo retém em si o objetivo que ele nega e que supera em direção a uma objetividade nova; e esta nova objetividade, na sua qualidade de objetivação, exterioriza a interioridade do projeto como subjetividade objetivada." (SARTRE, 1978, p.154).

Como exemplo da superação das condições materiais, Sartre cita a relação entre o médico e o paciente. Ele acredita que embora numa sociedade capitalista o doente seja um *cliente*, e por outro lado haja uma concorrência entre os médicos que podem dele cuidar, e que esta relação econômica desnatura, transforma, condiciona, dissimula a relação humana, não pode, porém, retirar-lhe a originalidade. A relação entre médico e paciente:

"trata-se de uma relação humana, real e específica e, mesmo nos países capitalistas, pelo menos num grande número de casos (na medicina socializada ou na medicina retribuída pelo doente), não modifica o fato de que, nos dois casos, trata-se de uma relação de pessoa a pessoa, condicionada pelas técnicas médicas e superando-as em direção de seu próprio objetivo. Médico e doente formam um par unido por uma empresa comum: um deve curar cuidar, e o outro cuidar-se, curar-se;" (SARTRE, 1978, p.157).

Sartre critica o que ele considera marxismo stalinista, que seria aquele que considera o operário não como um ser real, que muda com o mundo, mas como uma ideia platônica. Diz que ele é cego aos acontecimentos e que nesta conjuntura o existencialismo reage afirmando a especificidade do acontecimento histórico que ele se recusa a conceber como a justaposição de um resíduo contingente e de uma significação a priori. Segundo Sartre, o fato de o

capitalista possuir os instrumentos de trabalho e o operário não o possuir é uma contradição pura, mas que não chega a dar conta de cada acontecimento. (SARTRE, 1978, p.167).

Ele define, em *Questão de método*, o "acontecimento" como sendo, na sua plena realidade concreta, a unidade organizada de uma pluralidade de oposições que se superam reciprocamente. Segundo o existencialismo o acontecimento não pode ser considerado nem a simples significação irreal de colisões e choques moleculares, nem como sua resultante específica, nem como símbolo esquemático de movimentos mais profundos, mas como uma unidade móvel e provisória de grupos antagonistas que os modifica a medida que os transformam (SARTRE, 1978, p.169) ."Como tal ele tem seus caracteres singulares: sua data, sua velocidade, suas estruturas etc. o estudo destes caracteres permite racionalizar a História ao nível mesmo do concreto". (SARTRE, 1978, p.169). **Nessa passagem do texto *Questão de Método* Sartre propões uma nova racionalidade que não penda nem para o Empirismo nem para o Idealismo.** Ele acredita que, devido à natureza do acontecimento, para que o entendamos é necessária uma razão (que ele define como certa relação entre o conhecimento e o ser) que possa abranger tanto a questão da totalidade quanto a questão dos dados concretos. Sartre chama-a de **razão dialética**.

Tendo como base uma razão dialética Sartre propõe um método de análise histórica, que ele chama de método existencialista, que se caracteriza por ser heurístico, por levar em consideração tanto a história do indivíduo dentro de sua família, com uma investigação psicanalítica, com uma investigação histórica, fazendo então uma aproximação gradativa, com uma espécie de "vaivém," (SARTRE, 1978, p.170) até que elas se envolvam mutuamente. Para ele, a singularidade da conduta dos indivíduos deve ser levada em conta, porque a singularidade da conduta "não é um traço do indivíduo, é o indivíduo total, apreendido no seu processo de totalização" (SARTRE, 1978, p.172). O autor acredita que a partir da análise da infância, da vida familiar de um indivíduo, podemos reconstituir os verdadeiros caracteres de uma classe social na qual ele pertence. Isso é o método de análise existencialista, um

movimento que vai desde o concreto absoluto ao mais abstrato. Não é a classe social, como um ente abstrato, que deve caracterizar o indivíduo, mas ele, com suas características concretas e singulares, que dá forma a determinada classe social.

Porém essa análise requer a compreensão, e esta só é possível, segundo Sartre, na relação concreta que une um ser humano a outro. Assim a compreensão do outro não é jamais contemplativa. Essa compreensão só é possível porque os seres humanos agem em relação a fins. "A simples inspeção do campo social deveria ter feito descobrir que a relação aos fins é uma estrutura permanente das empresas e que é nessa relação que os homens reais julgam as ações, as instituições ou os estabelecimentos econômicos" (SARTRE, 1978, p.182).

A alienação consiste justamente no fato de que o campo social está cheio de atos sem autor, porque em sua humanidade verdadeira, o ser humano tem poder de fazer a história perseguindo seus próprios fins. Como estamos em período de alienação o inumano apresenta-se sob as aparências do humano. O esboço de uma situação do objeto é os fins como eles se mostram. (SARTRE, 1978, p.183)

Enfim, para fundar uma Antropologia que sirva à filosofia marxista, e acreditando que essa Antropologia anda não fora desenvolvida, Sartre procura uma superação das oposições entre a Etnologia, Sociologia, Psicanálise e a História e para descobrir uma "antropologia estrutural e histórica" (SARTRE. p.186). Essa antropologia é que suscita a ideologia da existência. Pelo fato de não existir uma essência humana, o próprio existencialismo é uma antropologia, na medida que é aquele que propõe que, embora não haja uma natureza comum entre os homens, há a compreensão recíproca que se estabelece ou pode estabelecer-se entre os homens, mesmo sendo os indivíduos de comunidades bastante distintas.

Ele propõe dar fundamento para uma antropologia, uma vez que acredita que os historiadores marxistas não levam em conta o ser humano. Isso porque eles consideram as particularidades humanas acasos, o que os leva a impor no indivíduo características pré-

formatada de uma determinada classe social. Esses historiadores, segundo Sartre, escrevem apenas o que ha neles mesmos, em sua ideologia. Acusa-os de imputar aos homens interesses de classe, fazendo de todos os resultados das ações dos homens, finalidades de determinada classe, e colocando na história somente o que há neles mesmos.

Para um aprofundamento histórico para seu desvendamento, é preciso, segunda o autor, que a história leve em conta o ser humano. Sartre propõe uma análise exaustiva da história do indivíduo, tanto no campo familiar, quanto comunitário, onde estão mescladas também as estruturas mais gerais, ou seja, as estruturas de classe. Portanto, para ser mais fiel à história é preciso entender o ser humano e, para entendê-lo, não devemos descartar a Psicanálise, a Antropologia e a Sociologia.

O estudo da História não deve relegar os dados da história individual nem da história de um grupo a uma casualidade. A História deve acrescentar esse "hiper-empirismo" da Etnografia e da Sociologia e da psicanálise como fazendo parte da concretude das relações humanas. Essa concretude e individualidade contem também as estruturas de suas classes, elas que dão sua coloração à classe, e não o contrário.

O que permite a racionalização das ações humanas é justamente a compreensão, que segundo o Existencialismo é a capacidade que os seres humanos tem de se colocarem no lugar do outro como projetos humanos. Sartre propõe, nessa diferente fase do Existencialismo, uma **razão** capaz de ziguezaguear entre o empirismo das ciências, como a Antropologia, a Sociologia e a Etnografia e o idealismo da História. Ele acredita num saber sobre o ser humano que não é fundado sobre sua natureza, pois ela não existe, mas na compreensão que temos uns sobre os outros.

Portanto, como todas as coisas humanas, o Existencialismo, nessa nova fase, tem uma função. Ele é uma ideologia e uma ferramenta. Ele deve preencher o vazio, uma falha deixada por uma antropologia empírica demais e uma história idealista demais, para que pudessem

descrever a verdadeira condição humana dentro do modo de produção denunciado por Marx como alienante e desumano. Segundo Sartre, para que noções básicas do marxismo, como reificação ou a alienação, adquiram todo o seu sentido, é necessária a identificação entre interrogador e interrogado, que é feita pelo existencialismo.

5 CONCLUSÃO

Após uma análise das concepções antropológicas, nos textos propostos, por esse trabalho, de ambos os autores, inclusive do texto *Questão de método*, acredito que a tentativa de Sartre de utilizar o existencialismo como ferramenta de apoio à Filosofia Marxista, no sentido de fundamentar uma Antropologia, culminou em diversas distorções do Existencialismo em sua versão inicial, defendida no texto *Existencialismo é um Humanismo* para uma empresa malograda.

Embora não se possa ignorar a grande contribuição de Sartre à teoria marxista, no que concerne às críticas aos marxistas contemporâneos a ele, não acredito que a introdução de razão dialética e do desenvolvimento da "compreensão" foram capazes de fundamentar uma antropologia que seja útil aos objetivos revolucionário marxistas.

A identificação entre existencialismo e marxismo está muito mais relacionada ao ativismo de Sartre e a imagem desse ativismo, do que a possível compatibilidade entre estas teorias. Essa identificação enganosa vem da confusão do fato da possibilidade de um existencialista ser marxista, o que é concebível, com o fato de o Existencialismo ser marxista.

Questão de método é uma tentativa de suavizar as diferenças e incompatibilidade fundamentais entre ambas as teorias, que vai resultar no enfraquecimento de noções importantes do existencialismo.

Embora as críticas feitas por Sartre ao marxismo contemporâneo sejam muito apropriadas quando argumenta que os historiadores marxistas da época ignoram os dados da Psicanálise, da Antropologia e da Sociologia como simples acasos, apenas reduzindo todos os acontecimentos à luta de classes e todos os personagens históricos apenas a peças representantes e portadoras das características e interesses de sua classe social, já predeterminada pelos próprios historiadores, suspeito que as incompatibilidades entre o marxismo e o existencialismo vão muito além do idealismo dos historiadores marxistas,

denunciado por Sartre.

Uma das noções fundamentais e reafirmadas por Sartre *Existencialismo é um Humanismo*, como por exemplo, é o declarado ceticismo em relação às ciências em geral, quando escreve que fora do *cogito* cartesiano todos os objetos são apenas prováveis, e complementa que, uma **doutrina de probabilidades** que não esteja ancorada numa verdade desmorona do nada.

Porém, no texto *Questão de método*, ele cria um método multidisciplinar de análise profunda que inclui a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia, e a História e que propõe, para isso, uma razão dialética capaz de fazer a ligação entre as estruturas fixas da História, identificadas como idealistas, e os dados da Psicanálise, Sociologia da Antropologia e da Etnografia, identificadas como hiper-empíricas. Deste modo, descaracterizando o inicial ceticismo existencialista a respeito das ciências, no que se refere a considerá-las apenas doutrinas de probabilidades.

Além disso, apesar de Sartre repudiar a razão universal kantiana em *O existencialismo é um Humanismo*, no texto *Questão de método*, ele define razão como sendo a relação entre o conhecimento e o ser, e assim cria uma "razão dialética", que é um instrumento capaz de ziguezaguear entre o idealismo e o hiper-empirismo. Mas o que seria essa razão senão um instrumento universal do intelecto humano que deveria ser utilizado para um conhecimento mais profundo da História e do próprio ser humano?

O Existencialismo, como vimos no texto *O existencialismo é um Humanismo*, herda a tradição moderna da antropologia filosófica ligada à liberdade, mas de tal forma a excluir até mesmo uma noção de natureza humana. Sartre parte da ideia de que a existência precede a essência e, como única verdade possível, o cogito cartesiano, o “Penso logo existo”. Assim, a supressão de Deus no mundo também suprime a possibilidade de uma *natureza humana*, ou seja, ou uma ideia universal capaz de encerrar todos os seres humanos.

No entanto, em *Questão de método*, quando Sartre trata da questão da alienação, ele admite que o campo social esteja cheio de atos sem autor, ou seja, pessoas que agem como se estivessem perseguindo fins que não são os seus. Desse modo, a alienação consiste no fato de que as pessoas fingem, e esse fingimento representa uma "falsa humanidade", pois o ser humano tem que fazer a história perseguindo seus próprios fins. Hora, a noção de "falsa humanidade" muda muito a concepção de liberdade inaugurada no existencialismo. A ideia existencialista de que o ser humano é que se define em suas ações e escolhas, não é compatível com a ideia de uma "falsa humanidade". Se existe uma "falsa humanidade", então existe uma verdadeira humanidade. Se a verdadeira humanidade é aquela em que o ser humano constrói sua própria história, existe uma finalidade para o ser humano, que é construir sua própria história. Uma finalidade para a humanidade, como já vimos anteriormente, é justamente o que Sartre repudia no *Existencialismo é um humanismo*, ao denominar o existencialismo como teoria filosófica que leva até as últimas consequências o "fato da inexistência de Deus".

Esse existencialismo instrumental apresentado em *Questão de método* perde muito de sua identidade inicial ao abrir a guarda para o conhecimento científico, para uma razão (ainda que dialética) e para uma ideia de "falsa humanidade", antes, impensável dentro dos conceitos apresentados no texto *O Existencialismo é um Humanismo*.

Sartre reduz o existencialismo a um utensílio do marxismo, tenta contê-lo cortando-lhe as unhas, para que não atinja a própria teoria de Marx, para que não seja mais uma ideologia burguesa, um ponto de fuga da Filosofia Marxista ou mais um entretenimento da burguesia. Sartre não pretende que o existencialismo sirva à burguesia, como o acusa Lucaks, isso o incomoda muito. Então ele o disciplina, tira-lhe o título de "Filosofia" e dá-lhe uma função específica, que é o de ser uma ideologia a fim de fundamentar a antropologia dentro da filosofia marxista. O autor limita o existencialismo a uma região investigativa filosófica, a antropologia. Porém, assim fazendo, ele toca num ponto fundamental sobre o qual se ergue a

Filosofia Moderna, inclusive a Filosofia Marxista.

Acredito que o projeto de fundamentar uma antropologia dentro da filosofia marxista já estava malogrado, uma vez que Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, não fazia outra coisa senão fundamentar uma antropologia. Marx precisava preparar o terreno para explicar o trabalho alienado e a possibilidade de sua superação. O trabalho alienado, a escravização do trabalhador, só poderia ser possível se o ser humano fosse livre.

Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, fundara sua antropologia também baseada na liberdade. Porém essa liberdade está inclusa na natureza pelo caráter do gênero humano. Para ele, o que diferencia os homens dos animais é que eles tem atividade vital voluntária e consciente. Ela distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente e só por isso, ele é um animal genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque ele é um ser genérico. O fato de o ser humano ser um ser genérico significa que ele pertencente a determinado gênero com determinadas características, ainda que a principal inclua a liberdade. Desse modo o gênero humano é a essência humana, é algo anterior ao indivíduo, de modo que as ações individuais são expressões diversas do gênero. Eis porque sua atividade é uma atividade livre, embora o trabalho estranhado inverta a relação, a tal ponto que o homem, porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, a sua essência, apenas um meio para a sua existência. (MARX, 2010, p.84).

É no trabalho, na elaboração do mundo objetivo, que o ser humano se diferencia dos animais e se confirma em primeiro lugar e efetivamente como ser genérico. Embora o animal produza, construa ninhos, habitações como as abelhas, os castores, as formigas, eles produzem somente aquilo de que necessitam imediatamente para si ou sua cria. O animal produz unilateralmente, enquanto o homem produz universalmente. (MARX, 2010. p.95).

Para Marx o animal produz somente sob o domínio da carência física imediata,

enquanto o homem mesmo livre da carência física e verdadeiramente, a sua liberdade em relação a ela. O animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira. Seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livremente com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência das espécies à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segunda a medida de qualquer espécie, e sabe considerar, por toda parte, a medida inerente ao objetivo, o homem forma por isso segundo as leis da beleza.

Segundo Marx, a vida física e mental do homem estão interconectadas com a natureza, e essa conexão "**não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza**". O ser humano é a natureza que volta para si mesma. Marx retoma e reúne, a separação secular corpo-mente, tanto o corpo como a mente são partes da natureza humana e de todo o resto da natureza.

Para Marx o fato de o ser humano ter uma essência e uma natureza não o torna indigno e limitado, como para o existencialismo de Sartre. A existência de uma natureza humana não impede que ele seja livre. Ele em sua totalidade é natureza, e na sua elaboração do mundo objetivo, ele transforma esse mundo, que se torna seu espelho, e ao transformar esse mundo ele transforma a si mesmo.

"A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é o corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem que ficar num processo contínuo para não morrer." (MARX, 2004, p.84). A natureza inteira é seu corpo inorgânico tanto no fato de que ela é o seu meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é o objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital, que é um objeto da sua vontade e consciência, diferente do animal que é imediatamente um com sua atividade vital.

Marx quer dizer que a atividade vital humana não se refere apenas aquela responsável

pela suas necessidades físicas e pela sua preservação, a atividade vital humana continua mesmo depois que as necessidades físicas humanas são satisfeitas, e isso não o aparta da natureza. Ele é natureza. **Apartar o ser humano de sua natureza fazendo com que produza somente segundo suas necessidades, como os animais, para Marx, é aliená-lo, e é justamente isso que faz o trabalho no modo de produção capitalista.**

Como podemos ver, o próprio Marx desenvolveu, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, uma base forte, uma antropologia profunda e sofisticada, que vai dar sustento para o desenvolvimento de toda a sua teoria. Ele não apresenta somente o homem alienado, mas o homem em toda a sua plenitude, e só por isso pode ser alienado dela, porque o ser humano em sua natureza, em sua essência é pleno e livre, e isso é anterior à sua alienação.

Sartre está certo, há um homem livre também na teoria marxista, mas não é da mesma liberdade que tratam Marx e Sartre. O problema entre o existencialismo e o marxismo é muito mais profundo do que o exposto por Sartre. Não é um problema entre Marxistas contemporâneos e Marx, que existe e foi muito bem colocado, mas é um problema entre o existencialismo e o marxismo nas suas formulações antropológicas.

Marx introduz o conceito de liberdade, sem que com isso tenha que apartar o ser humano da natureza. A liberdade é introduzida ao conceito de natureza ao introduzi-la num conceito de natureza humana.

É difícil ver como a "razão dialética", ou o conceito de "compressão" desenvolvidos por Sartre possam ajudar na emancipação do proletariado, e a supressão da propriedade privada e da sociedade de classes. Porque é somente essa o objetivo de Marx, alertar ao proletariado porque ele vive em condições subumanas e que ele pode mudar isso, pois todo o lucro da produção é tirado da sua força de trabalho.

Se a Antropologia trata o ser humano como coisa, é porque ele foi feito coisa, ele foi feito força de trabalho pelo modo de produção capitalista, e somente superando a sociedade de

classes com a supressão também da propriedade privada, que o ser humano pode reconquistar sua humanidade e deixar de ser força de trabalho.

Para Marx, não basta mudar a teoria sobre o ser humano para mudar o ser humano ou a relação entre os seres humanos. Não basta a extensão imensa do conhecimento filosófico para que alcancemos todas as variáveis das ações humanas elaborando uma Super-História, capaz de incluir todos os conhecimentos da Etnografia, Sociologia, Psicanálise e Antropologia e mesmo porque, é impossível alcançá-las, e seria um projeto luxuoso e eterno que demandaria ainda muito mais da divisão do trabalho. Questiono até que ponto importa ao movimento revolucionário uma imensa biografia com detalhes da vida familiar ou local que justifiquem as ações concretas de personalidades elegidas pelos historiadores da burguesia, se possuem traumas na infância, se tinham irmãos ou não, se essas ações foram levadas a cabo intencionalmente ou não, como saber a partir da introdução do conceito de "Inconsciente" a intencionalidade de uma ação humana? Marx importa-se mais em convencer os operários a interromper a História, do que em manter a classe burguesa que continua a contá-la, independente que seja cada vez de forma mais detalhada e minuciosa, de forma que exija pensadores tão sofisticados, sem o qual cada vez mais a divisão do trabalho é impossível, para gerar livros que o proletário nunca irá ler, pois como o próprio Sartre admite, num mundo onde tudo é comprado, o proletário não tem como ter acesso à cultura.

Sartre pede que os antropólogos usem a "compreensão" como método de conhecimento do outro, ou seja, que o antropólogo reconheça que sua pesquisa é financiada por uma ou classe social que o levou até ali. Que ele desenvolva um conhecimento que suprima a noção de sujeito-objeto. Porém para Marx a própria superação dessa oposição deve dar-se no mundo prático, com a supressão da propriedade privada e da sociedade de classes, onde o ser humano vai retomar o meio de produção, ou seja, a natureza, seu corpo inorgânico. Se existe uma relação sujeito-objeto entre os seres humanos é porque eles se relacionam apenas como força produtiva.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* Marx nos alerta sobre a desvinculação entre a Filosofia e a Ciência, e que a resolução de oposições teóricas só é possível de um modo prático, só pela energia prática do homem e, por isso, a sua resolução de maneira alguma é apenas tarefa do conhecimento (como tenta fazer Sartre), mas uma efetiva tarefa vital que a Filosofia não pôde resolver, precisamente porque a tomou apenas como tarefa teórica. (MARX, 2044, p.11)

REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Niclola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Fernando José de. **É proibido proibir**. São Paulo: FTD, 1998.
- ARISTÓTELES, **A Política**. Livro eletrônico disponível em: <www.livrogratis.net/douwload/357/a-politica-aristoteles.html>. Acesso em 01 de maio de 2011.
- FERRY, Luc. **Vencer os Medos**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, Sigmund. **Freud. O mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril cultural, 1978. (Os Pensadores)
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Rousseau Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 2005. (Os Pensadores - Volume II).
- SARTRE, Jean-Paul. **Sartre. A conferência de Araraquara**. São Paulo: Paz e Terra, 1986. (Coleção Pensamento Crítico).
- SARTRE, Jean-Paul, **Sartre. O Existencialismo é um Humanismo. Questão de método**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- SARTRE, Jean-Paul, **Situações 1 .A liberdade cartesiana**. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

